

2. Fernão Lopes

➔ Manual · p. 84



“Fernão Lopes – Simplesmente a verdade”



13 min 22 s

A Alma e a Gente, RTP2

Senhores telespectadores, eu quero hoje falar-lhes de uma das figuras mais dominantes, não há divergências sobre isso, de um dos maiores escritores que até hoje nasceram em Portugal. É um homem de há muito tempo, chamava-se Fernão Lopes. Ele escreveu no século XV, portanto imaginem há que tempo isto foi, no século XV. E estou a dizer-lhes isto num lugar muito

5 ligado à vida dele: estou no Castelo de São Jorge em Lisboa e a torre que veem atrás de mim era a antiga Torre do Tombo. Torre do Tombo era a torre que servia de arquivo aos documentos reais: as escrituras, as dídivas, os contratos, as obrigações. Tudo estava ali arquivado. Bom, nessa altura não havia leis publicadas como agora. Se quiser saber qual é o meu direito, naturalmente vou à lei. Nessa altura não era assim. Nessa altura o direito estava disperso em todos esses do-

10 cumentos, nesses precedentes abertos por esta ordenação, por aquele alvará, e tudo isso se guardava aqui. Portanto, quando uma pessoa tinha uma questão nos tribunais tinha que vir aqui, àquela torre, tinha que falar com o guarda-mor ou com algum dos guardas da Torre do Tombo e pedir-lhe que lhe desse certidão, uma cópia autenticada, do documento onde estava o direito que ele dizia ter. Isto é para perceberem a importância que tinha nessa altura ser guarda da Torre do

15 Tombo. Torre do Tombo porquê? Bom, hoje para nós um tombo, olhem, um tombo é um trambolhão, cair. Tombo não é nada disso. Hoje, os livreiros dizem tomo. Um tomo é um livro. Ora bem, os reis tinham muitas propriedades, muitas, em todo o país e isso tinha que estar escrito num livro, tinha que estar metido num tomo e estar metido no tomo dizia-se “estar tombado”. Os livros que falavam da fazenda real e dos contratos e das obrigações e das vendas e dos negócios,

20 isso eram os tomos e tudo isso era precioso. Tudo isso estava guardado naquela torre. E o guarda daquela torre era um homem que se chamava Fernão Lopes. A mais antiga informação que eu tenho dele é um documento, um documento de 1418 em que ele já assina como guarda das escrituras da Torre do Tombo.

É claro que quando se fala de alguém devem dizer-se três coisas: como se chamava, já sabemos que era Fernão Lopes, onde nasceu, quando nasceu e mais uma coisa, e o que fez. Devo

25 dizer que onde nasceu não se sabe. Quando nasceu, também se não sabe. Podem ter-se palpites, já muitos escritores dizem assim umas coisas muito vagas. Eu também tenho a minha ideia. Eu penso que ele não nasceu no campo. Ele nasceu numa cidade. Penso que nessa..., a cidade em que ele nasceu não era uma cidade do interior, era uma cidade marítima. Fernão Lopes presta

30 muito mais atenção às coisas do mar que às coisas do campo. Por exemplo, os combates navais são descritos com muito mais pormenor do que os combates terrestres. Em relação aos navios, diz as cargas, diz os tipos de navio, diz quem eram os comandantes e... todos os pormenores ligados à atividade comercial marítima lhe merecem uma grande importância. Em compensação, as coisas do campo, não. Ora, ele descreve uma guerra, uma guerra em que quem sofreu foram

35 sobretudo os camponeses. Nessas guerras vinham grandes bandos de cavalaria, incendiavam os palheiros, as adegas, os celeiros, as aldeias, devastavam as vinhas, cortavam as oliveiras, roubavam tudo, levavam as ovelhas, levavam os camponeses como escravos. Era um terror, a guerra na Idade Média, era realmente um terror, para a gente dos campos alentejanos. Isso não impressionou o nosso Fernão Lopes. Não. Os sofrimentos do camponês não figuram neste livro, mas os

40 sofrimentos do habitante de Lisboa, a fome que ele passa, os homens a esgravatar no chão para



apanharem os últimos bagos de trigo quando se faziam os carregamentos. A crónica está cheia do sofrimento do povo de Lisboa. Aliás, são das mais belas páginas deste livro. Portanto, acho que era um homem nascido numa cidade, talvez ligado, talvez os pais dele, ao comércio marítimo. O comércio marítimo foi muito importante em Portugal no século XIV e no século XV.

45 E quando, quando nasceu? Bom, quando, não há nenhum documento, mas sabemos isto: sabemos que ele, como já lhes disse, em 1418 já foi nomeado para o cargo de guarda da Torre e em 1419 ele já assinava “escrivão dos livros de el-Rei”. Bom, portanto, era já um homem que tinha autoridade, tinha revelado talento, o rei tinha-o selecionado para escrever os seus próprios livros, os livros, enfim, da chancelaria. Calculo que teria, pelo menos, trinta anos, trinta anos. Isto

50 faz com que ele nasça ali por volta de 1380, entre 1380 e 1390. Bom, um outro fator: Fernão Lopes teve um filho, teve um filho. Foi médico, formou-se em medicina e era um médico de certo modo importante, visto que era o médico pessoal do infante D. Fernando. O infante, o filho do rei D. João I e irmão do rei D. Duarte. É o Infante Santo. O Infante Santo tinha como médico pessoal este filho do Fernão Lopes. Por sinal, ficou com ele na prisão, quando foi o desastre de Tânger, lá

55 morreu. Ora bem, se ele era médico do Infante D. Fernando em 1437, isso quer dizer que, enfim, deve ter nascido, teria pelo menos também uns trinta anos. E dá-o por nascido em 1407. Se ele nasceu em 1407, vamos tirar vinte anos para a idade do pai. E lá vamos cair outra vez nos 1380, 1390. É portanto por essa altura que o nosso Fernão Lopes nasce. O que é importante, porque 1380, 1390 é exatamente o período que ele descreve com um vigor espantoso nas páginas deste

60 livro. Ele escreve isto como se tivesse visto com os seus próprios olhos. Isso é impressionante. Isto dá resposta às duas primeiras questões: onde nasceu e quando nasceu.

E agora, o que é que ele fez? Olhem, assinado por ele, sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma, há a *Crónica do Rei D. Pedro*, que é o nosso D. Pedro I, há a *Crónica do Rei D. Fernando*, é um belíssimo livro, é uma obra de literatura já. E depois, ao D. Fernando, como sabem, sucede

65 D. João I. E ele é o autor da primeira parte da *Crónica de D. João I*, é a que eu tenho na minha mão, e o autor da segunda parte da *Crónica de D. João I*, a parte onde se descreve a Batalha de Aljubarrota. E em minha opinião, mas não é a opinião que leem nos livros, também é o autor da terceira parte da *Crónica de D. João I*, a parte de Ceuta. Só que essa terceira parte foi-lhe retirada e depois foi transformada, adaptada pelo sucessor dele, que era o Zurara, que lhe pôs o nome. Mas, a vi-

70 vência humana, o tumultuar de paixões, a brutalidade das cenas, a sinceridade dos sentimentos de tudo aquilo, nunca podia ter sido escrito pelo Zurara, nunca. Quem quiser saber o que era o Zurara, olhe, vá ler a *Crónica do Conde D. Pedro* ou vá ler a *Crónica do D. Duarte de Meneses*. Era assim que ele escrevia. Escrevia, escrevia correto, escrevia direito, mas escrevia sem sentimentos, é uma prosa sem o sangue da paixão humana. E toda a terceira parte da *Crónica de D. João I*

75 é uma obra-prima, uma obra-prima de restituição da vida, da paixão e do sangue ao tempo que passou.

Falei nas obras de Fernão Lopes e, como repararam, nunca citei o nome deste livro que é *História de uma Revolução*. É a primeira parte da *Crónica de D. João I*. Penso que Fernão Lopes imaginou a crónica do reinado como um tríptico. No tempo dele são muito frequentes os quadros

80 com três tábuas: uma, duas, três, um tríptico. A primeira é, realmente, a revolução de Lisboa, de Lisboa e, é claro, de todo o país; a segunda é a batalha, a batalha de Aljubarrota, com tudo o que a precede e com tudo o que acontece depois; e a terceira é Ceuta, a conquista de Ceuta. São essas três partes.



Esta primeira parte refere-se à revolução que aconteceu em Portugal entre os fins do ano de 1383 e o ano de 1385. A revolução, como sabem, foi isto. Em outubro de 83 morreu o Rei D. Fernando. O Rei D. Fernando não tinha filhos varões, só tinha uma filha que era novinha, tinha uns dez anitos. E tinham-na casado com o rei de Castela, portanto, ela, D. Beatriz, é que seria a rainha de Portugal. Bom, mas, como calculam, o povo não achou bem. Então agora a rainha de Portugal está casada com o rei de Castela? Se vem o rei de Castela e diz que isto é tudo dele, isso é fatal. Então, os povos não aceitaram essa rainha, revoltaram-se e aparece a chefia-los a figura do Mestre da Ordem Militar de Avis, o Mestre de Avis, que era filho do Rei D. Pedro. Embora filho bastardo, é filho do Rei D. Pedro. O povo de Lisboa levanta-se, aclama o Mestre como Regedor e Defensor do reino, os castelhanos avançam, cercam Lisboa, toda esta região passou nesse ano de 1384 grandes privações. Mas vem a peste, eles são obrigados a levantar o cerco. E o povo aclama o Mestre de Avis e fá-lo rei. É essa revolução que é contada neste livro. Ele foi escrito, penso eu, por volta de 1450.

